

O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico

Cristina Moreira Marcos

Psicanalista

Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris 7 (Paris, França)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Minas Gerais, Brasil)

e-mail: cristinammarcos@gmail.com

Resumo

A noção do não-todo lacaniano tem um valor crítico em relação ao universal. Buscamos compreender se as fórmulas lógicas da sexuação ensejam outro posicionamento em relação à teoria e à clínica exigidas pela psicanálise. Como as fórmulas da sexuação viriam modificar o manejo clássico do conceito e as relações entre o par teoria e prática? Privilegiando a noção do não-todo, Lacan questiona tanto a universal afirmativa quanto a universal negativa. As particulares existenciais afirmativas e negativas não são mais parcelas das verdades universais. Elas valem na medida em que rejeitam a universalidade que pretende governá-las. O caso clínico em psicanálise leva em conta a lógica do singular, a partir da qual podemos nos distanciar das classificações identificatórias. O que se apresenta em cada caso como não remetendo à identificação no campo do Outro revela o real em jogo na prática clínica.

Palavras-chave: psicanálise, fórmulas da sexuação, caso clínico, universal, singular.

Le pas-tout de Lacan et la logique du cas clinique

La notion de pas-tout créée par Lacan a une valeur critique contre l'universel. Nous cherchons a comprendre si les formules logiques de la sexuation peuvent engendrer une autre position par rapport à la théorie et la pratique requise par la psychanalyse. Comment les formules de la sexuation modifieraient-elles la gestion classique du concept et la relation entre la théorie et la pratique? Privilégiant la notion de pas tout, Lacan met en question à la fois l'affirmative universelle et la négative l'universelle. Les particulières existentielles positives et négatives ne sont plus des parties de vérités universelles. Elles s'appliquent dans la mesure où elles rejettent l'universalité qui a l'intention de les gouverner. Le cas clinique en psychanalyse prend en compte la logique du naturel, à partir de laquelle nous nous pouvons nous éloigner des classements identificatoires. Ce qui se présente dans chaque cas comme quelque chose qui ne se réfère pas à l'identification dans le champ de l'Autre révèle le réel en jeu dans la pratique clinique.

Mots-clés: la psychanalyse, les formules de la sexuation, cas clinique, universel, singulier.

The pas-tout of Lacan and the logic of clinical case

The pas-tout lacanian has a critical value in relation to the universal. We are trying to establish if the logical formulas of sexuation are able to generate another position regarding theory and practice in psychoanalysis. How would the formulas of sexuation modify the management of the classic concept and the relationship between the theory and practice? Enforcing the notion of pas-tout, Lacan puts into question the universal affirmative and universal negative. Existentials both negative and positive are no longer parts of a universal truth. They are applicable only along the lines in which they reject the universality that intends to rule them. The clinical case in psychoanalysis takes into consideration the logic of the natural from which we may distance ourselves from identificatory ratings. What is presented in each case as something that does not relate to the identification in the field of the Other reveals the real that is at stake in clinical practice.

Keywords: Psychoanalysis, formulas of sexuation, clinical case, universal, singular.

O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico

Cristina Moreira Marcos

Não há um universal da mulher

Gostaria de partir de uma citação de Lacan localizada na aula do dia 17 de fevereiro de 1971, no *Seminário 18: de um discurso que não seria do semblante*:

O que significa manter no discurso analítico esse mito residual chamado mito do Édipo, Deus sabe por que, que é, na verdade, o de Totem e tabu, onde se inscreve o mito, inteiramente inventado por Freud, do pai primevo, como aquele que goza de todas as mulheres? É isso que devemos interrogar a partir de um pouco mais longe, da lógica, do escrito. (Lacan, 1970-1971, pp. 63-64)

O que designa o mito do gozo de todas as mulheres é que o "todas as mulheres" não existe, não há um universal da mulher. Lacan vai aqui se servir das proposições universais e particulares afirmativas e negativas, referindo-se a Peirce, para escrever a "lei sexual" que articula a relação de cada sexo ao gozo. Ele faz da função fálica aquilo que permitirá diferenciar homem e mulher, ou melhor, aquilo que permitirá construir esta diferença e, deste modo, distanciar-se de tomá-la como um dado natural.

Este recurso à lógica é precedido por uma menção rápida, mas decisiva à "Totem e tabu" (Freud, 1913) e pela invocação dos signos utilizados pela biologia moderna para designar o masculino e o feminino, o *yin* e o *yang* chineses e outros pares de oposição que buscam dizer de uma bipartição sexual. Lacan (1970-1971) dirá que extraímos do discurso analítico justamente a impossibilidade de tomar esta dualidade como suficiente. De fato, a função fálica torna insustentável esta bipolaridade sexual. Lacan precisa que, no que concerne ao falo, não se trata da falta do significante, mas do obstáculo feito a uma relação. O falo não designa o órgão e sua fisiologia, nem a função que lhe atribuímos como a copulação. Trata-se não de um objeto, mas de uma relação, na medida em que o termo *função* na matemática e na lógica designa a relação entre elementos pertencentes a duas séries disjuntas. A "função fálica" é a escrita de uma relação. Os dois elementos ligados ou diferenciados por esta função não são homens e mulheres, mas os seres falantes e o gozo. A função fálica nomeia a relação de cada ser falante ao gozo permitido pela linguagem. Lacan propõe substituir a relação sexual pela lei sexual.

Na escrita das fórmulas da sexualização, podemos verificar que Lacan evita escrever x de um lado e y , do outro. É o mesmo x que encontramos em cada um dos lados e que designa em toda parte o ser falante tomado pelo gozo ligado ao sexo e à linguagem. Este x é o significante que vai representar o sujeito em relação à função fálica. De certo modo, ele é uma tentativa de escrever o

sujeito do gozo sexual. O x não quer dizer "homem" ou "mulher" porque esta bipartição sexual é resultado das disposições enunciativas determinadas pelas fórmulas.

A psicanálise ensina que o fundamento do idêntico provém do imaginário, da imagem do corpo. O momento do estádio do espelho estrutura o corpo como imaginário e funda as categorias do semelhante, do mesmo e do idêntico. A categoria do diferente é enraizada na experiência da linguagem e do significante, que funciona sempre por meio de um par de opostos. Para diferenciar duas coisas, identificamos cada uma delas a um de seus traços, a uma de suas características, a um atributo, e depois diferenciamos estes traços. Primeiro, há a identificação a um atributo e depois há a diferenciação e a classificação. É assim que a ordem significante e suas oposições binárias, por um lado, e a ordem gramatical da frase (sujeito-cópula-atributo), por outro, fundam a lógica aristotélica das classes (Morel, 2000). É disto que se trata na diferença entre os sexos? – tal é a questão que se impõe.

A questão da diferença sexual inclui-se na dificuldade de pensar a diferença. Poderia ser natural pensar que a ausência de um traço de um lado seria a resposta à presença de um traço do outro lado e valeria como traço qualificando "Mulher" em oposição a "Homem". Mas a facilidade desaparece quando buscamos estabelecer o próprio que qualifica "Homem" e o próprio que qualifica "Mulher", sem articulá-los. Lacan observa que "esta bipartição a cada instante fugidia do homem e da mulher: tudo que não é homem é mulher, tenderíamos a afirmar. Mas como a mulher é "não toda", por que tudo o que não é mulher seria homem?" (Lacan, 1971-1972, aula de 10/05/1972).

Se eu nego a presença de um traço dado, eu obtenho sua ausência, mas se eu nego sua ausência, como posso saber se vou encontrar este traço ou outro ou nada? Eu só o encontraria se eu houvesse partido, de início, de um conjunto composto de dois subconjuntos: "Homem" e "Mulher", de modo que pudesse dizer que tudo que não está de um lado está do outro. Lacan recusa este dualismo e é por esta razão que a ausência de traço fálico não tem nenhum valor complementar em relação à sua presença, abrindo deste único fato um outro espaço, passível de outras regras.

Por que Lacan recusa esta bipartição sexual? Porque, como nos ensina Freud, a pulsão não comporta nenhuma relação natural ou pré-estabelecida a seu objeto, o que faria da mulher o objeto do homem. Podemos pensar que Lacan posiciona-se contra esta bipartição do ser humano fundada em uma lógica do universal e seu "para todos", que saberia encontrar em cada subclasse aquilo que falta à outra. Uma dualidade estrita entre os sexos é assim estabelecida e divide o mundo entre normal e patológico. Le Gaufey (2006) propõe pensar esta regulação lógica entre os sexos, na medida em que eles seriam substancialmente dois, e a tomada soberana do universal em jogo no conceito como dois lados de uma mesma moeda.

As fórmulas da sexuação e a noção do não-todo tornam possível não tratar separadamente estes dois aspectos da mesma questão, trabalhando com o universal de modo a desconstruir o casal da oposição sexual. A astúcia consiste em evitar que este desequilíbrio gere uma simetria,

que o traço presente à esquerda que funda o todo e a ausência do traço à direita que obriga o não-todo não dividem nenhum espaço já circunscrito.

Lacan não faz objeção ao falocentrismo freudiano, ele extrai do Édipo a lógica de conjunto do todo. Em sua leitura, o Édipo é reduzido à lógica única da castração e se acrescenta o fato de que esta lógica não regula todo o campo do gozo. Há uma parte que não é regulada pelo falo e permanece real. Dizer que as mulheres são não todas inscritas na função fálica é reconhecer outro gozo que não aquele limitado pela castração. Neste sentido, Lacan formaliza o além do Édipo com a lógica do não-todo. Ele afirma o falocentrismo do inconsciente "com base em fatos clínicos" (Lacan, 1958, p. 686). O significante fálico é o significante-mestre da relação entre os sexos. Ele é o padrão, a medida comum, que organiza a diferença entre homens e mulheres. Entretanto o outro gozo, que se acrescenta ao fálico, só pode ser situável a partir de outra lógica: a lógica do não-todo.

É através da teorização do não-todo que Lacan tentará formalizar a particularidade da relação ao falo e ao real na mulher. A noção do não-todo é um modo de pensar esta relação como uma irrupção do real na mulher, que não é inteiramente tributária da castração. Lacan tenta responder à questão do feminino menos pelo falo/castração que pela distinção entre os dois gozos. A hipótese segundo a qual haveria algo de suplementar ao falo na mulher, algo de irreduzível ao falo, é outro modo de leitura da relação privilegiada das mulheres com o real. É este desdobramento do sujeito feminino que Lacan vai formalizar melhor no *Seminário 20: mais, ainda* (1972-1973).

Como conceber que o Outro possa ser em algum lugar aquilo em relação a quê uma metade – porque também é grosseiramente a proporção biológica – uma metade dos seres falantes se refere? É entretanto o que está escrito lá no quadro com aquela flecha partindo do \mathbb{A} . Esse \mathbb{A} não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com $S(\mathbb{A})$, e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com o falo. (Lacan, 1972-1973, p. 75)

O Outro sexo é justamente o que resiste à identificação, não se pode identificá-lo. O aforismo: "Não há relação sexual" - pode ser lido deste modo. Pode-se falar do homem, como universal, identificando-o ao falo, mas há do outro lado uma ausência, uma alteridade que não é identificável a nenhum significante: "A mulher não existe". Não há um "dois" que entra em relação com um "um". Morel (2000) afirma que, no nível sexual, não podemos nos contentar com uma lógica da identificação e da classificação, mas que devemos levar em consideração uma lógica que não se reduz nem às oposições significantes, nem à lógica dos atributos, "exigindo uma construção a cada vez singular, aquela do gozo e de suas modalidades na relação com o outro sexo" (Morel, 2000, p. 79).

As fórmulas da sexuação e a lógica do não-todo

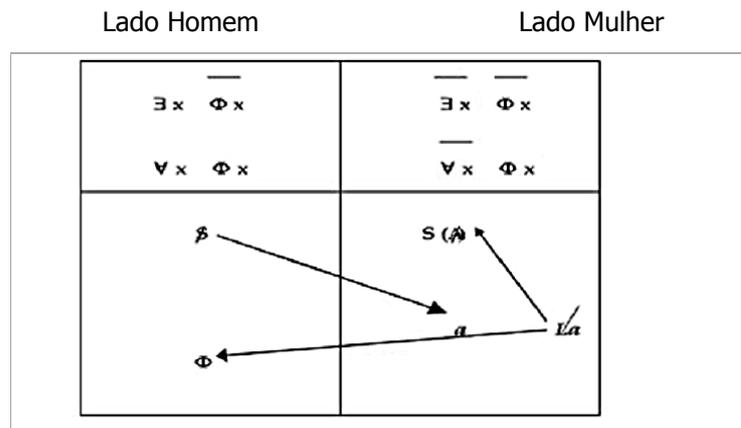
O caso clínico em psicanálise leva em conta esta lógica do singular, a partir da qual podemos nos distanciar das classificações identificatórias. Neste sentido, o pensamento lacaniano sobre a diferença sexual e sobre o feminino e sua construção da noção do não-todo fornecem sustentação à dimensão singular do caso clínico.

O que caracteriza o Outro enquanto tesouro dos significantes caracteriza também o Outro sexo. A incompletude do simbólico impõe-se à questão dos sexos quando se trata de escrever sua lógica interna. As proposições universais "permitem predicar um certo número de indivíduos, de fabricar um saber sobre posturas diferentes em relação ao gozo fálico" (Le Gaufey, 2006, p. 111). Le Gaufey pergunta-se se esta incompletude retomada nas fórmulas lógicas engajam um outro posicionamento em relação à teoria, requerido pela psicanálise. Como as fórmulas viriam modificar o manejo clássico do conceito e as relações entre o par teoria e prática?

Le Gaufey (2006) busca entendê-lo a partir da dupla acepção da particular, maximal e minimal. Que diferença podemos conceber entre a particular afirmativa e a particular negativa? No primeiro caso, temos o termo *alguns*. O *alguns* é mais frequentemente interpretado como incluindo, além da indicação positiva (alguns são), uma indicação negativa (alguns não são). O sentido "maximal" é o primeiro que a língua produz. Quando dizemos que alguns passageiros morreram no acidente de ônibus o sentido que se produz é que alguns morreram, mas não todos. O sentido "minimal" corresponde ao que se pode chamar "leitura lógica", que não inclui a indicação negativa – "alguns" quer dizer "alguns são" apenas, e é compatível com "todos são" e com "alguns não são". Lacan parte da universal afirmativa "Para todo x , x é fálico" e escreve a particular negativa "Não é o caso de que, para todo x , x é fálico", negando o operador universal. Le Gaufey pretende demonstrar que a particular negativa escreve o sentido maximal, afirmando, não que há alguns para ilustrar a particular universal, mas que há alguns para não ilustrá-la. É assim que Lacan irá recusar a universalidade que pretende governar as particulares.

O quadrado lógico associa cada particular a sua universal: as afirmativas à esquerda e as negativas à direita. Há uma relação de contradição entre cada universal e a particular oposta: a particular afirmativa nega a universal negativa e a particular negativa nega a universal afirmativa. No entanto, a língua fornece uma só palavra para a particular afirmativa existencial e particular negativa restritiva - "alguns". A universal afirmativa e particular negativa são contraditórias entre si, assim como a particular afirmativa e a universal negativa.

As fórmulas da sexuação são introduzidas por Lacan (1970-1971) no *Seminário 18: de um discurso que não seria do semblante* e são estabelecidas em seu *Seminário 20: mais ainda* (1972-1973) e no texto "O aturdido" (1972). Elas estão centradas em outra fórmula de Lacan: "Não há relação sexual". Se as fórmulas da sexuação escrevem a não relação sexual, elas escrevem também a relação ao sexo que se faz sob a condição de passar pela castração. No centro das fórmulas, está, deste modo, a função fálica. (Ver anexo I).



Anexo I (Fonte: Lacan, 1972-1973, p. 105)

Lado homem:

$\overline{\exists x \Phi x}$ = "Existe um x que não é fálico"

$\forall x \Phi x$ = "Para todo x, x é fálico"

Lado mulher:

$\overline{\exists x \Phi x}$ = "Não existe um x que não seja fálico"

$\overline{\forall x \Phi x}$ = "Não é o caso de que, para todo x, x é fálico"

Lacan produz uma dupla subversão na particular afirmativa e na universal negativa. Do lado esquerdo, há a universal afirmativa "Para todo x, x é fálico" e no lugar da particular afirmativa temos "Existe um x que não é fálico". Lacan toma a indicação negativa da leitura "maximal" de "alguns". Para Lacan, elas são ambas verdadeiras ao mesmo tempo - mais precisamente, são ambas necessárias. Do lado direito, na posição da universal negativa, Lacan escreve uma frase com uma negação sobre o quantificador particular e com uma negação sobre a função proposicional: "Não existe um x que não seja fálico". No lugar da particular negativa, temos "Não é o caso que, para todo x, x é fálico", fórmula do não-todo que pode ser lida como "A mulher é não toda inscrita na função fálica". O quadrado de Lacan parece tender à direita, dando prioridade ao não-todo.

A particular afirmativa "Existe um x que não é fálico" funda o lugar da exceção como o lugar do pai, evocando o mito de "Totem e tabu" (Freud, 1913). Todos são fálicos, há um todo, um universal, e há uma exceção que confirma a regra. Este universal sustenta-se de um ponto de

exceção. Não há a fórmula "Existe um x que é fálico". Há um universal do lado homem das fórmulas, mas este universal não assegura nenhuma existência. Um conjunto pode ser vazio e

pode funcionar como universal. O fato de haver um universal fálico não garante a existência de um homem. O lugar da existência é o lugar do pai.

Do lado direito das fórmulas, não há uma exceção que fundaria o universal feminino. Não há o lugar da existência e não há o lugar do todo. As negações estão sobre os quantificadores. Do lado esquerdo, as negações não estão nunca sobre os quantificadores, mas sobre a função. A negação em lógica é um conectivo binário que inverte o valor de verdade e ela pode incidir em mais de um lugar em uma proposição complexa. A negação porta ou sobre o quantificador ou sobre a função proposicional. Se ela porta sobre o quantificador ela inverte o valor de verdade da proposição, "Não existe um x que não seja fálico". Se ela porta sobre a função, a negação afirma que existem alguns que não são, "Existe um x que não é fálico". Do lado direito, não há exceção.

A fórmula do não-todo é lida como: não é de todo x que posso dizer que ele se inscreve na função fálica. Não é de toda mulher que se pode dizer que ela se inscreve na função fálica, ou se ela se inscreve na função fálica, não é inteira, há uma parte na função fálica, mas não tudo. No lugar da universal negativa, encontramos: "Não existe um x que diga não à função fálica". O pai existe, mas a mulher, não. O não-todo implica uma dupla indeterminação: primeiro, afirma uma relação da mulher ao falo que é indeterminada, ela é não-toda na função fálica, e segundo, não podemos saber onde ela é nesta função. O não-todo não implica que haveria uma existência que diria não à função fálica e conduz ao "um a um". Cada uma inscreve-se na função fálica de modo contingente, conduzindo ao que não forma um conjunto, ao infinito. Na lógica clássica, a fórmula "Não existe um x que diga não" conduziria à universal afirmativa "Todos dizem sim". Entretanto, não é isto que Lacan escreve com as fórmulas, mas sim que não há um universal.

As fórmulas da sexuação do lado direito do quadrado afirmam o não-todo, no sentido de que não há nenhum "x" que não satisfaça a função fálica. No entanto, aqueles que a satisfazem não constituem, por isto, um conjunto de elementos que a satisfazem. Concebe-se que no lugar na universal negativa não há exceção, "Não há um que diga não", e a coleção daqueles que dizem sim não se reúne sob a égide do todo de uma universal. Neste lugar, está escrito que não há "todos", somente "nenhum". Lacan chega assim a este aparente paradoxo: sua universal negativa – "Não existe um x que não seja fálico" – escreve-se com a negação sobre o quantificador existencial, enquanto sua particular negativa – "Não é o caso de que, para todo x, x é fálico" – escreve-se pela negação do quantificador universal. Deste modo, Lacan assinala que o não-todo não deixa espaço para nenhum "alguns" que viesse a contradizê-lo para chegar novamente a um "todos". A totalidade é recusada duplamente à direita das fórmulas, tanto no nível da particular quanto no nível da universal. Privilegiando o não-todo, Lacan coloca em fracasso tanto a universal afirmativa quanto a universal negativa. Ele parece assim dar razão à língua e esvaziar as universais de qualquer ontologia. As particulares existenciais afirmativas e negativas não são mais parcelas das verdades universais. Elas valem na medida em que rejeitam a universalidade que pretende governá-las.

O não-todo tem um valor crítico em relação ao universal. Do lado direito das fórmulas, temos afirmado que não-todos dizem sim, mas não há quem diga não. Não há nenhum x que não satisfaça a função fálica e, no entanto, os que a satisfazem não constituem por isto o conjunto dos elementos que satisfazem. A totalidade é recusada tanto no nível da universal quanto no nível da particular, do lado direito das fórmulas. A universal afirmativa entra em contradição com as particulares (se todos dizem sim, é falso dizer que ao menos um diz não e que não-todos dizem sim). Vemos a mesma relação na universal negativa (se não há um que diga não, é falso dizer que há ao menos um que diga não e que não todos dizem sim). As duas universais implicam-se: que todos digam sim não entra em contradição com a afirmação de que não há um que diga não. O mesmo vale para as particulares: que haja ao menos um que diga não, permanece congruente com a afirmativa de que não todos dizem sim.

Entretanto, Lacan quebra qualquer possibilidade de simetria. Ele o faz com a sua escrita do não-todo do lado direito do quadrado e com a impossibilidade de afirmar a exceção – “Nenhum diz não lá onde não-todos dizem sim”. O não-todo não deve ser compreendido como um partitivo, mas sim como os elementos que, situados deste lado, são submetidos cada um ao mesmo regime, sem, no entanto, se constituírem como os elementos de qualquer todo.

A dimensão singular do caso clínico

Quais seriam as consequências epistemológicas desta lógica que podemos extrair das fórmulas da sexuação? Quais as consequências da noção do não-todo no que concerne ao saber psicanalítico? Desde Freud, o valor do caso clínico é afirmado, a ponto de dizermos que a psicanálise se reinventa a cada caso. Quanto ao saber teórico, temos uma riqueza de textos dos nossos autores de referência e de seus comentadores que compartilhamos e discutimos, em um exercício de aprendizagem da linguagem freudiana e lacaniana. A ele, não ambicionamos inovar ou acrescentar o que quer que seja. É, no entanto, no que se refere à transmissão da clínica, que nossa dificuldade se apresenta.

O modo como Freud escuta suas históricas modifica sua escrita, de tal modo que a simples descrição dos fenômenos patológicos não é mais suficiente. A descrição dos quadros mórbidos, tal como encontramos na mais clássica tradição psiquiátrica, não é mais capaz de dizer o que se passa na experiência analítica. Tampouco uma transcrição literal do que se passa na análise seria capaz de transmitir os efeitos de verdade produzidos no sujeito. A precisão que encontramos neste gênero de transcrição do caso é definida por Freud como de ordem psiquiátrica, não possuindo valor demonstrativo. Verifica-se que Freud coloca a verdade no lugar da exatidão. “Tal é a dificuldade do analista: se ele quer permanecer na verdade da sua experiência, ele não pode se fiar na exatidão da tomada de notas” (Porge, 2005, p. 14).

Na publicação do caso Dora, entre a impossibilidade de comunicar o caso e a necessidade de fazê-lo, Freud (1905), confessa: “a apresentação de minhas histórias clínicas continua a ser um problema de difícil solução para mim”. Ele ainda dirá que:

A história clínica, propriamente dita, só foi escrita de memória após terminado o tratamento, mas enquanto minha lembrança do caso ainda estava fresca e aguçada por meu interesse em sua publicação. Dessa forma, o registro não tem a exatidão fonográfica, mas pode atribuir-se a ele alto grau de fidedignidade. (Freud, 1905, p. 8)

O relato do caso, o fragmento clínico, vem frequentemente demonstrar algum enunciado teórico. A afirmativa particular – o caso em questão – encontraria assim seu lugar numa categoria abstrata de determinada teoria. Neste sentido, haveria uma certa harmonia entre um caso e a teoria da qual ele parte e teríamos um saber congruente com a realidade que ele descreve. Nele, o caso surge como ilustração da teoria e o fragmento teórico tomado como referência transforma-se em uma espécie de coeficiente da realidade. A singularidade que o caso clínico tinha, por assim dizer, missão de enunciar desaparece.

Laurent (2003) afirma que a multiplicidade dos modos de narrativa do caso e a dificuldade em torno de seu relato designam um mal-estar. O qualitativo contra o quantitativo, a vinheta contra o caso extenso, a monografia exaustiva contra os fragmentos - estas são algumas das oposições em torno das quais a discussão se faz. Oposições apontadas, no entanto, por Laurent, como falsas. Se Lacan, em sua entrada na psicanálise, abandona a ambição por um método exaustivo ideal, é porque o relato será orientado pela demonstração do envelope formal do sintoma e a ênfase será dada à reconstrução, por cada sujeito, da sua história. A experiência do passe, na qual cada um sustenta a construção do seu próprio caso, evidencia esta dimensão da enunciação de cada um:

Isso se dá por meio de uma língua comum, uma definição comum do que seria um caso, do que seria uma análise ideal, um resultado previsível? É no inverso dessa via que o discurso analítico procede. Certamente, o relato de caso comporta as formas pautadas nas diferentes comunidades de trabalho psicanalíticas. Há modelos do gênero que circulam. Mas, é na distância com relação a esses modelos que a qualidade do trabalho de cada analista, sua presença se faz escutar. O caso clínico é, neste sentido, tanto inscrição como afastamento. (Laurent, 2003, p. 72)

Um conceito, como uma afirmativa universal, pretende enunciar algo que valha para *todos os indivíduos* que se enquadrem nele. Ele é portador de uma verdade que pertence a cada um, que vale para todos, que permite tratar esta pluralidade como uma unidade. Entretanto, se lembramos do duplo valor da particular afirmativa, este raciocínio que vai da universal até sua particular só pode ser atribuído à particular "minimal". A particular "maximal" faz objeção a seu

universal. Do mesmo modo, as fórmulas da sexuação e a noção de não-todo modificam as relações das particulares com suas universais.

“Não há relação sexual”, marca uma disparidade entre os sexos tal que, longe de reduzir a diferença sexual, ela a amplia até fazer deles os incomensuráveis; ora isto só se obtém tomando apoio de início sobre a particular maximal, que invalida a universal afirmativa, que então de saída emperra o caso que se contentaria em ilustrar a veracidade de um enunciado teórico. Se uma particular vem de fato, na ingenuidade suposta de sua existência, confirmar a universalidade de um conceito (ou de um encadeamento conceitual), e organizar, assim fazendo, uma particular minimal, adeus ao “não-todo”! Ele não terá mais nenhuma chance de advir, senão esvaziado de seu sentido, ou carregado de contrasenso que faz dele a marca de uma essência “Mulher” – porque não se navega inconsequentemente entre os quadrados lógicos. (Le Gaufey, 2006, p. 126)

O relato de caso que se apóia na particular minimal opera uma redução e a teoria transforma-se em um grande reservatório de conceitos. Quais as consequências clínicas da particular maximal quando pensamos que as afirmativas particulares contestam as duas universais, a afirmativa e a negativa? As particulares fazem exceção, o que não quer dizer que elas sejam raras. Le Gaufey (2006) propõe pensar a existência da exceção como um fenômeno qualitativo.

A particular maximal, que com sua particular afirmativa “Existe um x que não é fálico” opõe-se à universal afirmativa, não deve ser considerada numericamente, mas qualitativamente, na medida em que ela manifesta uma existência que dá forma a traços. Na particular afirmativa minimal “Existe um x que é fálico”, esses traços (fállicos) estão fundados na semelhança com um modelo enunciado na universal “Todo x é fálico”. Na particular afirmativa maximal “Existe um x que não é fálico” a afirmação de existência não se prende à presença de traços universais.

Freud (1900) nos apresenta alguns casos dos quais podemos dizer que eles se inscrevem como particular maximal. Temos como exemplo o sonho da Bela Açogueira, relatado em “A interpretação dos sonhos”:

E meus pacientes invariavelmente contradizem minha asserção de que todos os sonhos são realizações de desejo. Eis aqui, portanto, alguns exemplos do material de sonhos apresentados contra mim como provas em contrário. “O senhor sempre me diz”, começou uma inteligente paciente minha, “que o sonho é um desejo realizado.” Pois bem, vou lhe contar um sonho cujo tema é exatamente o oposto - um sonho em que um de meus desejos não foi realizado. Como o senhor enquadra isto em sua teoria? (Freud, 1900, p. 161)

Freud termina por desvelar um conteúdo latente que confirma a teoria. Mas ele não se contenta com esta descoberta; trata-se de compreender este deslocamento.

Se concordamos que Lacan, com as fórmulas da sexuação e o não-todo, pretende fazer vacilar o universal, como se pretendesse dizer que há algo que resiste a se inscrever sob o universal, ele funda um novo universal sobre a exceção que lhe faz objeção. Reencontramos aqui a importância de fazer as particulares entrarem em contradição com cada universal. Isto significa que se as particulares são verdadeiras, as universais serão necessariamente falsas. Trata-se de uma permanente contradição entre o nível das universais e o nível das particulares nos quais se afirmam as existências. Na medida em que o todo é fundado na exceção do ao-menos-um, o fato de que não haja exceção não garante o universal do lado direito do quadrado. Lacan afirma assim que existe algo que não pode ser incluído ou que não pode pertencer ao universal:

Onde funciona enfim este "Existe um x que não é fálico", este "existe ao menos-um", que não seja servo da função fálica? Não é senão uma exigência, eu diria, do tipo desesperado, do ponto de vista de alguma coisa que não se sustenta de uma definição do universal. Mas, por outro lado, observem que em relação à universal "Para todo x, x é fálico", todo homem é servo da função fálica. Deste "ao menos um" que escapa, o que dizer? Eu diria que é a exceção. É o que diz, sem saber, o provérbio "a exceção confirma a regra" e que se acha por nós sustentado. É singular que seja somente com o discurso analítico que um universal possa encontrar, na existência da exceção, seu verdadeiro fundamento, o que faz com que possamos seguramente em todo caso distinguir o universal assim fundado de todo uso tornado comum pela tradição filosófica do dito universal. (Lacan, 03 de março de 1972)

Miller (2003) afirma que, em nossa clínica, devemos dar a primazia ao singular, em detrimento do universal. Nosso sistema de classificações não é nada além de semblantes. Miller denomina a regra universal da espécie dos sujeitos sob a qual cada analisante inscreve seu caso de universal negativo na medida em que se refere à ausência de uma regra, à ausência de um programa sexual que Lacan designou como "não relação sexual". "É o único universal que vale para um sujeito, porém é um universal negativo que significa a ausência de uma regra [...]. O sujeito é sempre obrigado a inventar seu modo de relação ao sexo sem ser guiado por uma programação natural" (Miller, 2003, p. 20). Com seu modo particular de responder à relação sexual que não existe, ou seja, com seu sintoma, o sujeito é sempre uma exceção à regra e "seu sintoma é sua invenção ou reinvenção da regra que lhe falta" (Miller, 2003, p. 23).

Certamente temos sintomas típicos, mas eles são particulares a cada sujeito, únicos. Todo diagnóstico se refere à classe e sabemos que nossas classes diagnósticas não têm um fundamento nem na natureza, nem na observação, são antes artifícios que se fundam na prática linguística dos

praticantes. O universal da classe nunca está completamente presente em um indivíduo. Há sujeito toda vez que o indivíduo se distancia do universal. Passamos assim do universal da classificação ao singular de cada caso, da estrutura aos modos de gozo.

O universal da classe, seja ela qual for, nunca está completamente presente num indivíduo. Como indivíduo real, pode ser exemplar de uma classe, mas é sempre um exemplar com uma lacuna. Há um déficit da instância da classe num indivíduo e é justamente por causa desse traço que o indivíduo pode ser sujeito, por nunca poder ser exemplar perfeito. (Miller, 2003, p. 29)

É isto que faz Miller (2005, p. 403) referir-se à navalha de Ockam, tese segundo a qual as classificações são semblantes: o que existe são os indivíduos. O ponto de vista nominalista nos liberta do peso das classificações e faz surgir a singularidade. Neste sentido, somos nominalistas. No entanto, há espécies objetivas, a estrutura existe e por isto Lacan pôde dizer que era realista e não nominalista. Na clínica, há um momento nominalista; é esse no qual recebemos o paciente em sua singularidade, sem compará-lo com nada, como o inclassificável por excelência. Mas há um segundo momento, o momento estruturalista, no qual nos referimos a tipos de sintomas e à existência da estrutura (Miller, 2005). Laurent (2003) afirma que Lacan parte do nominalismo: o ciframento do gozo é singular. Depois, ele passa ao realismo das estruturas e denuncia aí uma ilusão: as classes são semblantes. O que se apresenta em cada caso como não remetendo à identificação no campo do Outro revela o real em jogo na prática clínica. Trata-se de se orientar e tomar o caso a partir do real em jogo.

Curiosamente, a arte nos ajuda a pensar este lugar da exceção. Wajeman (1998) propõe tomar duas obras de arte – “Roda de Bicicleta”, de Duchamp, e “Quadrado Negro sob fundo branco”, de Malevitch – como paradigmas da tese segundo a qual a obra de arte contemporânea deve ser pensada não como coisa a interpretar, mas como objeto pensante. Essas obras não estão mais ocupadas em refletir sobre si mesmas, mas visam, com brutalidade, o real. O autor propõe falar em “obras da arte”, acentuando o múltiplo, ao invés de “obras de arte”, expressão que enfatiza a arte como conjunto. Ele nos fornece duas razões para isto: a primeira, nenhuma obra tem valor de exemplo, toda obra sempre deve ser considerada nela mesma; a segunda, na arte só há teoria de uma obra. A cada obra, sua teoria – o que nos leva à lógica singular do caso clínico. Isto não quer dizer uma negação da teoria ou das categorias clínicas, mas afirma o próprio do discurso analítico presente “no contraste entre a abordagem pela heterogeneidade e a abordagem pela língua expurgada universal” (Laurent, 2003, p. 76).

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1987). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1987). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 1-119). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1987). Totem e tabu. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-194). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1913).
- Lacan, J. (1966). La significations du phallus. *Écrits* (pp. 685-695). Paris: Seuil (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não seria do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1970-1971).
- Lacan, J. (1971-1972). *O seminário, livro 19: ou pire*. Seminário inédito.
- Lacan, J. (2003). O aturdido. *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1972).
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Laurent, E. (2003). O relato de caso, crise e solução. *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, 9(9), 69-76. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.
- Le Gaufey, G. (2006). *Le pastout de Lacan: consistance logique, conséquences cliniques*. Paris: EPEL.
- Miller, J.-A. (2003). O rouxinol de Lacan. *Carta de São Paulo*, 10(5), 18-32. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Miller, J.-A. (2005). *Los inclasificables de la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Morel, G. (2000). *Ambiguïté sexuelles*. Paris: Anthropos.
- Porge, E. (2005). *Transmettre la clinique psychanalytique*. Paris: Érès.
- Wajecman, G. (1998). *L'objet du siècle*. Paris: Veridie.

Citação/Citation: Marcos, C. M. (mai. a out. 2014). O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(18), 4-16. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v9n18p04-16.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 30/06/2013 - 06/30/2013.

Aceito/Accepted: 18/09/2013 - 09/18/2013.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.